

## IARA JAMRA, CORPO E VOZ DE HILDA HILST, LORI LAMBY E TIPOS POPULARES: A TRAJETÓRIA DE UMA ARTISTA DESDOBRÁVEL

*Iara Jamra, body and voice of Hilda Hilst, Lori Lamby and popular types: the trajectory of a foldable artist*

### **Entrevistada**

**Iara Jamra**  
Atriz e arte-educadora

### **Entrevistadores**

**Aline Novais de Almeida<sup>1</sup>**  
Universidade de São Paulo - USP

**Luciano de Jesus Gonçalves<sup>2</sup>**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO

Trata-se da trajetória biográfica e artística da atriz paulistana Iara Jamra, bem como de suas relações com a literatura de Hilda Hilst. Íntimo, o depoimento em primeira pessoa aborda as montagens de O caderno rosa de Lori Lamby, o mundo das artes e a carreira que completa quarenta e dois anos em 2024. A partir de entrevista realizada de maneira remota, em pouco mais de duas horas, o material de áudio e vídeo serviu de base para a redação do relato que segue. Agradecemos a atriz Iara Jamra pela oportunidade de entrevistá-la, por nos ceder as fotos, de seu arquivo pessoal, que ilustram o texto, além de, gentilmente, dirimir algumas dúvidas ao longo do processo.

Minha trajetória artística começou quando entrei no Pod Minoga, grupo de arte experimental coletiva fundado, na década de 1970, por Naum Alves de Souza (1942-2016), diretor de teatro já falecido; Flávio de Souza, um dos autores dos famosos programas *Rá-Tim-Bum* e *Castelo Rá-Tim-Bum* (TV Cultura-SP); Mira Haar, atriz; Carlinhos Moreno, ator; e Dionísio Jacob, escritor. Na ocasião, meados da década de 1980, era aluna do Flávio na Faculdade Armando Álvares Penteado - FAAP, e decidi ficar no Pod Minoga porque fugi da faculdade, fugi de todos os lugares. Na instituição, comecei o curso de Artes Plásticas, mas não o completei.

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. Professora Tutora do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU. E-mail: alinenovas@gmail.com

<sup>2</sup> E-mail: luciano.jesus@ifto.edu.br

A minha mãe lia muito e o meu pai também, eles dois eram médicos. Então, tinha muito livro em casa, o clima era legal, mas eu mesma era rebelde. Digo que fui ser atriz porque eu não sabia fazer outra coisa, é verdade. Eu gostava de desenhar e, por isso, lia os livros, os livros de artes (eu tenho um monte, uma estante), fui lendo... Engraçado, depois que eu entrei no Pod Minoga, eu comecei a ficar mais estudiosa. Líamos e satirizávamos algumas coisas de Machado de Assis. Eu comecei a ler para acompanhar o pessoal, porque eles tinham feito faculdade, eram formados, e eu era meio ignorante, meio não, inteira, ainda sou. Agora, meu pai, não, ele era bastante culto, médico, doutor. Eu não estudava dessa forma que a gente entende o estudar, mas estava cercada por este grande repertório que era a minha família.

No grupo Pod Minoga, fazíamos de tudo: figurino, cenário, escrevíamos, gravávamos trilha, entre outras atividades. Fiquei por lá anos, no papel de aluna. Um dia, Flávio de Souza me chamou para fazer a peça infantil, por ele dirigida, *Parentes entre parênteses*, espetáculo muito visto e falado na época. Tratava-se da história de uma menina cujos pais se separaram e, por isso, tinha duas casas para morar. A montagem do espetáculo foi muito simples, mas muito bem-bolada, um estrondo. No contexto da classe média brasileira, era uma grande novidade esse negócio de separação e das crianças que viviam em duas casas. Flávio de Souza é muito genial e, até hoje, escreve para crianças. Eu sempre fiz muita personagem menina. Depois de um tempo, fiz *Trair e coçar*, especificamente o papel da empregada Olímpia, um tipo caipira, uma pessoa ingênua. Até que ganhei o livro de Hilda Hilst (1930-2004), *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990). Eu comecei a ler em uma viagem à praia. A menina Lori é diferente das outras.

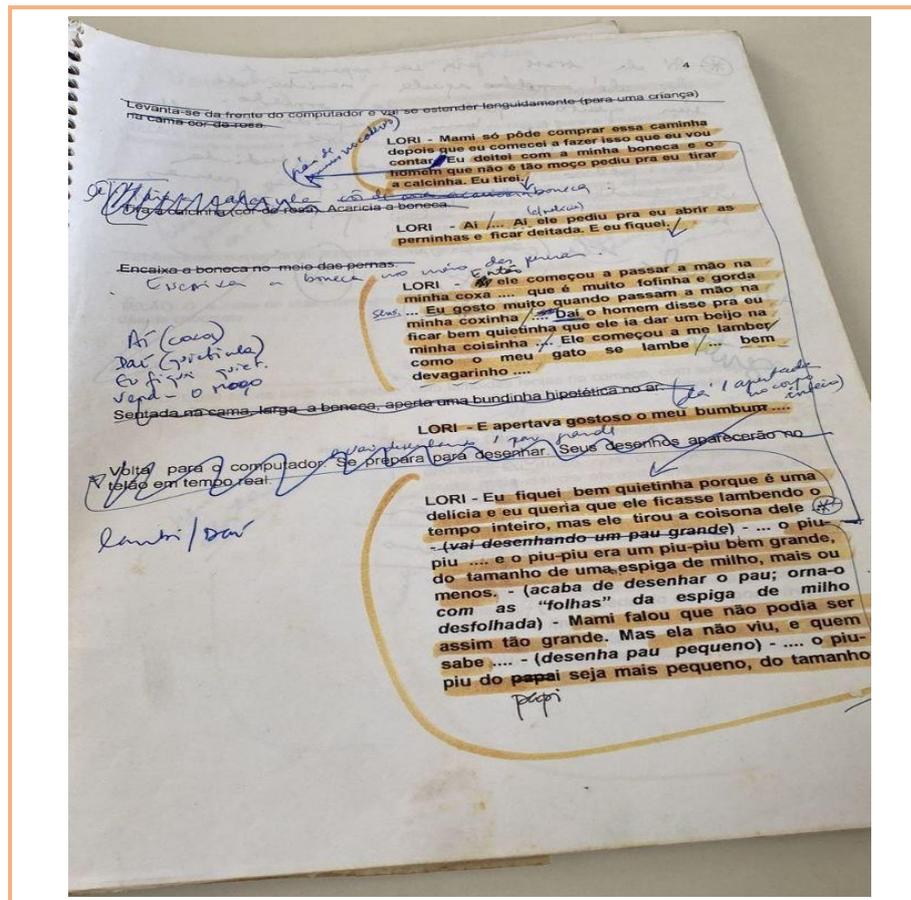
Graças a essa oportunidade de atuar no *Parentes entre parênteses*, ganhei o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA e o da Associação de Produtores de Espetáculos Teatrais - APETESP. A partir da repercussão desses dois prêmios, fui convidada para fazer publicidade. Fiz um comercial de TV para os Pneus Goodyear. O Walter Avancini (1935-2001), famoso diretor que passou pela Manchete e Rede Globo, me chamou para fazer um papel na TV. Foi uma experiência superlegal. Durante a entrevista de trabalho, Avancini me indagou: “Como você construiu essa personagem da publicidade dos Pneus Goodyear?” Respondi: “Eu construí? Sei lá... o diretor explicou e eu fiz qualquer coisa”. A personagem da propaganda era uma perua engraçada. Avancini, então, insistiu: “Mas de onde é a sua formação?” Respondi prontamente ao diretor: “Do grupo Pod Minoga”. Diante da minha resposta, Avancini afirmou: “Está contratada!”. O Pod Minoga era considerado o grupo carioca *Asdrúbal Trouxe o Trombone*, mas de São Paulo. Experimentávamos de tudo, o que me levava a estudar, ler cada vez mais, afinal sempre gostei de ler peças de teatro. Acho que é um texto mais fácil para mim.

Após a experiência teatral, Flávio de Souza me convidou para integrar o elenco do programa *Rá-Tim-Bum*. Nele, interpretei novamente uma menina contadora de histórias, a Nina, mas eu já era adulta, tinha quase 30 anos. Lembro que existia algo desproporcional na minha imagem na telinha: a minha mão era grande, por exemplo. Eu não tinha ainda acabado as gravações do programa, quando li o livro de Hilda Hilst e

pensei: agora, preciso fazer uma menina mais polêmica. Fiquei com isso na cabeça durante anos. Então, fui à Casa do Sol para apresentar a proposta à escritora, acho que estive duas vezes lá. Um amigo, o escritor Reinaldo Moraes, fez uma adaptação da narrativa de *O caderno rosa de Lori Lamby*, mas a Hilda não curtiu. Ela queria que fosse o texto na íntegra. Reinaldo, então, concordou em mudar.

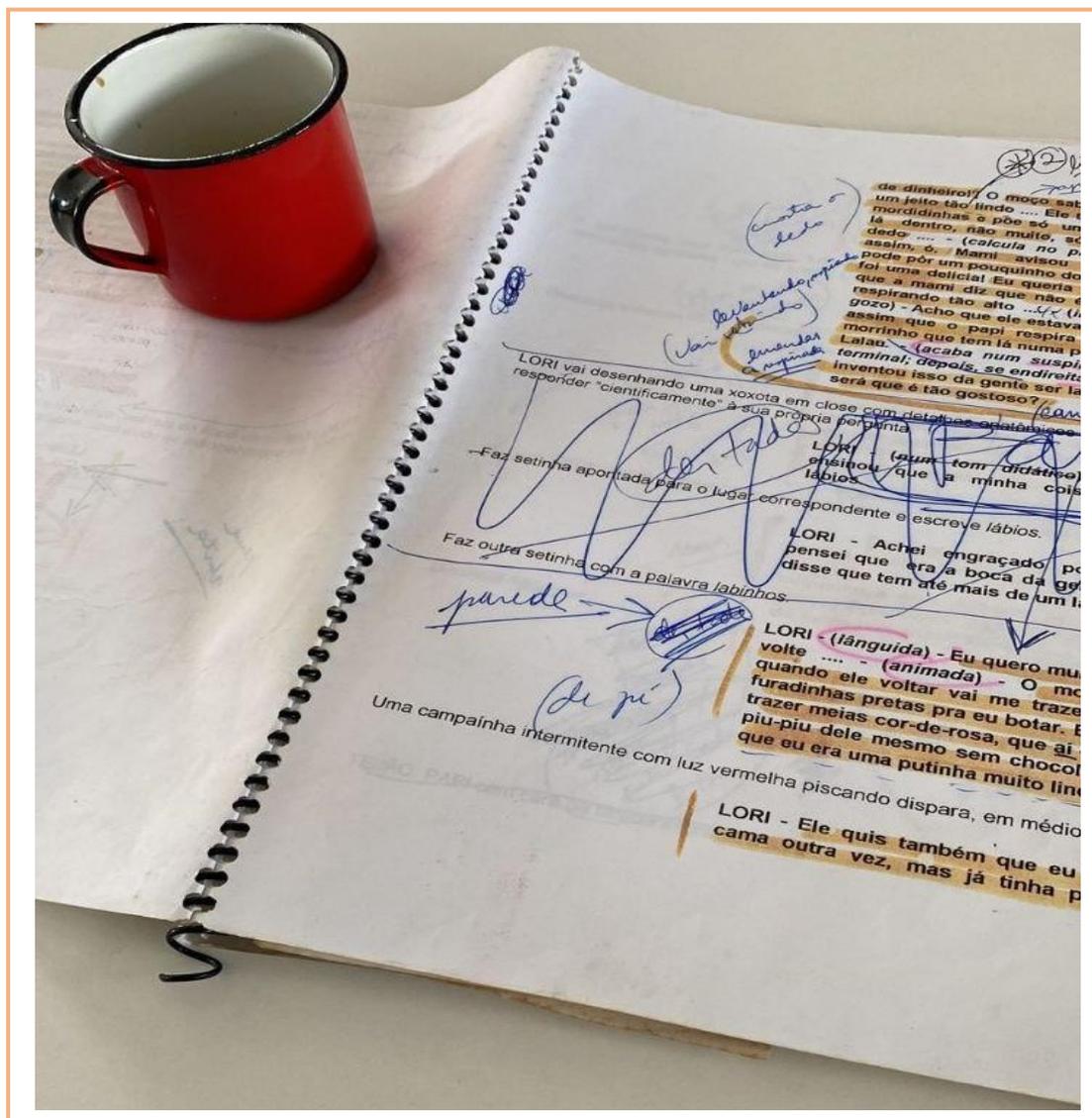
No meio desse caminho, fui fazer a peça *Cacilda*, do saudoso Zé Celso (1937-2023), no Teatro Oficina, com Bete Coelho, Mika Lins, Elisa Cortez, uma turminha. Um dia, saindo do ensaio, Bete me falou: “Eu queria fazer no teatro *O caderno rosa de Lori Lamby*”. Respondi: “Eu também, eu já fui à Casa do Sol e conversei com a escritora sobre o assunto”. Conteí a história. “Vamos fazer!”, afirmou Bete que, em um minuto, ligou para Daniela Thomas, que já mandou o cenário pelo fax e montamos no Serviço Social do Comércio - SESC Mundão, hoje, SESC Santo Amaro, em São Paulo, em 1999. Foram três dias de eventos ininterruptos, tipo uma Virada Cultural. O SESC deu uma verba que foi utilizada por Daniela para a construção do cenário e, em conjunto com a direção da Bete e a adaptação do texto de Reinaldo Moraes, tudo aconteceu. Eu nem sabia o que eu estava fazendo.

**Foto 1** - Página do texto dramaturgício *O caderno rosa de Lori Lamby*, 1999, com marcações pessoais de Iara Jamra



Fonte: acervo pessoal

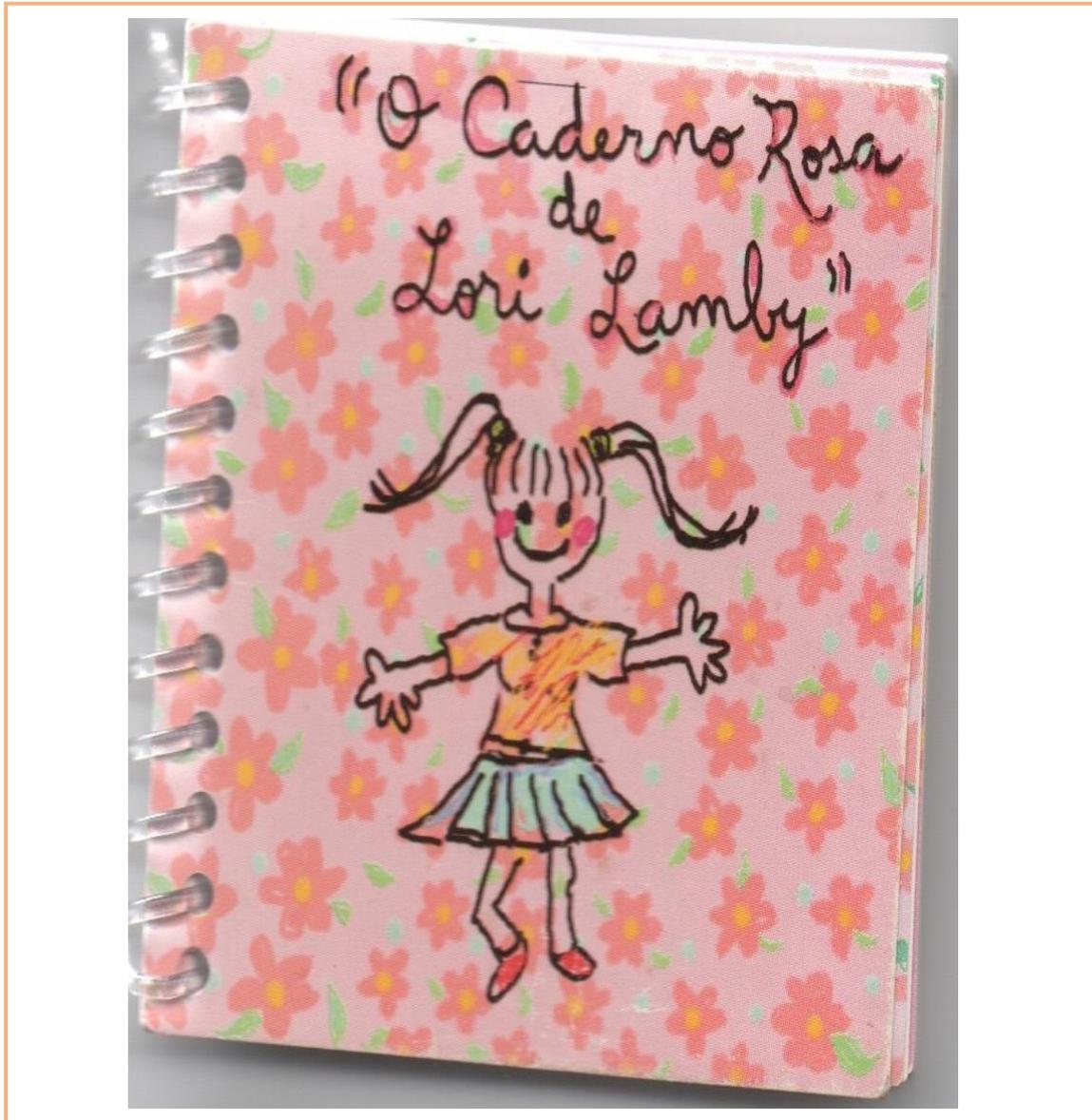
Foto 2 - Página do texto dramaturgic *O caderno rosa de Lori Lamby*, 1999, com marcações pessoais de Iara Jamra



Fonte: acervo pessoal

Um pouco antes da estreia oficial no SESC, o N.Ex.T - Núcleo Experimental de Teatro (espaço pensado por Celso Curi e pelo dramaturgo e diretor Antonio Rocco), localizado na Rua Rego Freitas, precisava estrear seu espaço, então, Celso me chamou porque soube do projeto teatral da menina *Lori Lamby*. Ele foi uma espécie de padrinho da história, porque todo mundo começou a ficar parceiro. Lá, ia a Greice Gianoukas, os comediantes todos, aqueles que tinham pequenos trabalhos se apresentavam no NExT. A montagem do Teatro NExT tinha esse programinha bonitinho, que eu mesma fiz, todo desenhado. Eu fiz o meu caderno bonitinho. Nele, conto como tudo começou, na primeira pessoa, como se eu fosse a Lorinha. Estreamos com toda pompa. Depois, a peça *O caderno rosa de Lori Lamby* realizou o Circuito Prefeitura de São Paulo. Fui para o festival de Salvador, fiz algumas pílulas.

Foto 3 - Caderninho criado por Iara Jamra para a montagem de *O caderno rosa de Lori Lamby*, 1999



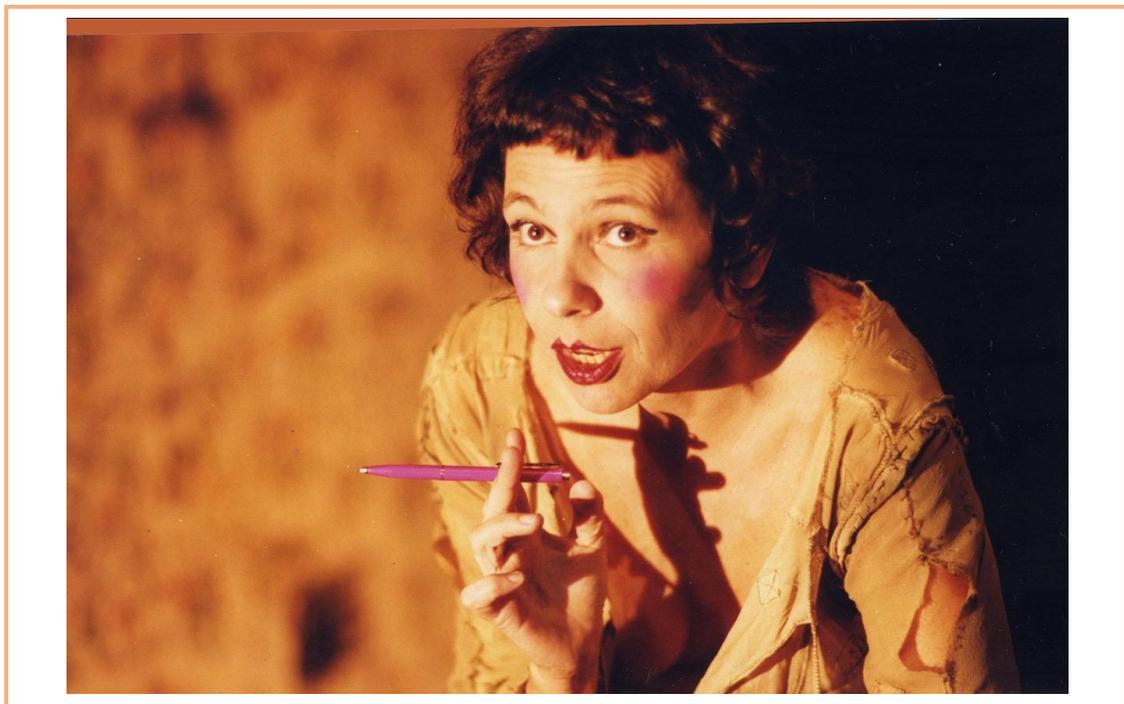
Fonte: acervo pessoal

**Foto 4** - Iara Jamra na montagem de *O caderno rosa de Lori Lamby*, 1999

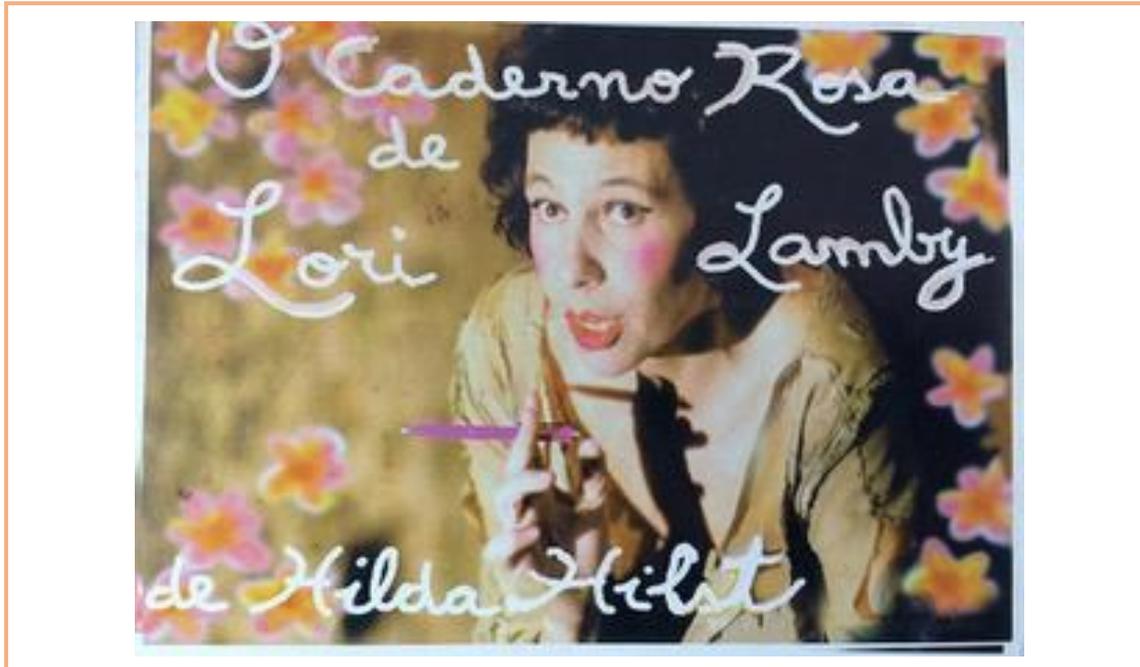


Fonte: acervo pessoal

**Foto 5** - Iara Jamra na montagem de *O caderno rosa de Lori Lamby*, 1999



Fonte: acervo pessoal

Foto 6 - Recorte do programa de *O caderno rosa de Lori Lamby*, 1999

Fonte: acervo pessoal

Foto 7 - Trecho do programa de *O caderno rosa de Lori Lamby*, 1999

**O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY**

Lori é uma menina de oito anos que escreve em um caderninho rosa suas fantasias sexuais. O que vem a ser uma impossibilidade por definição se concretiza no mundo da fantasia literária de Hilda Hilst.

E é nessa fronteira onde se encontram a irrealidade, o tabu, o desejo e a inocência da imaginação infantil que o texto genial de Hilda se constrói.

E o ato sexual é descrito pela primeira vez desprovido de todo pathos, de toda a maldade, como se o gozo e a inocência fossem idênticos, como se, por um instante nossa consciência fosse transportada ao paraíso, ao antes da queda.

É um texto avassalador: ele excita e repugna, é de uma enorme candura e doçura ao mesmo tempo que trata de situações limites da sexualidade humana. E é essa ambigüidade que a encenação de Bete Coelho explora: quem afinal escreve neste caderno rosa? Não sabemos. No palco, uma mulher adulta com voz de criança se esconde debaixo do pedaço de uma cama gigante, que mais parece uma cela. Ela lê, ela escreve no seu caderno rosa. E ela transforma o descrito no encenado, o seu corpo se movendo com a mesma leveza do texto, com a mesma inocência da linguagem de Lori, nesta terra de ninguém. A sugestão de que "tudo isto" possa ser terrível e mesmo abominável está sempre por perto, por trás da parede, ameaçando o prazer infinito do jogo de escrever, de fazer teatro, de contar histórias, não importa quais. . .

Daniela Thomas

De  
**Hilda Hilst**  
*Adaptação para teatro*  
**Reinaldo Moraes**  
*Direção*  
**Bete Coelho**  
*Com*  
**Iara Jamra**  
*Cenografia e figurino*  
**Daniela Thomas**  
*Iluminação*  
**Carlinhos Moraes**  
*Música*  
**Zézinho Mutarelli**  
*Voz Off*  
**Miriam Muniz**  
*Produção executiva e administração*  
**Carmin Mandelsberg**  
*Cenotécnico*  
**Felipe Tassara**  
*Diretor de cena*  
**Domingos Varella**  
*Técnico de luz e som*  
**Silney Marcondes e Carlinhos Moraes**  
*Fotos*  
**Lenise Pinheiro**

Grupo filiado à Cooperativa Paulista de Teatro

Fonte: acervo pessoal

O teatro NEXT era pequenino, 50/60 lugares, a plateia se sentava muito perto. Hoje está fechado. Tinha um senhor que ia a toda apresentação, sentava-se na primeira fileira. Ficou obcecado, acredito que foi para outro lado, para outra coisa, para a fantasia dele. O desfecho da peça era meio abrupto; às vezes, as pessoas não escutavam o final. Como a Hilda não quis gravar o trecho que seria reproduzido na peça, pois, segundo ela, sua voz estava ruim, escolhemos outra pessoa. Ela teve um câncer. Colocamos, então, a locução da Myriam Muniz (1931-2004) e ficou lindo. Apenas no final que a menina Lori conta que acharam o diário. Os pais foram para casa de repouso, ela ficou na casa da tia Gilka. Resumimos, mas se o espectador estivesse um pouquinho distraído, ele não escutava, e a voz da Myriam era grave, destoava um pouco.

Em 2018, remontamos a peça na Biblioteca Mário de Andrade. Álvaro de Machado, o curador da parte teatral da instituição, um jornalista experiente, me propôs a montagem. Imediatamente, entrei em contato com a Bete. Nós fizemos diferente, porque na primeira montagem eu subia numa cama enorme, que a Daniela Thomas tinha feito, que lembrava aquela da minha personagem Nina do *Rá-Tim-Bum*. Eu tinha mais agilidade, era mais jovem, então fizemos outra cama. Por incrível que pareça, achei mais difícil montar em 2018 do que antes. Porque hoje os assuntos tabus estão todos à tona na sociedade, algumas pessoas saíram xingando, nos acusavam de pedofilia, um monte de coisa. Eu não fui agredida fisicamente, mas, às vezes, o público saía no meio do espetáculo, batia a porta da sala do teatro.

**Foto 8** - Iara Jamra na montagem de *O caderno rosa de Lori Lamby*, 2018-2019, Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo



Fonte: acervo pessoal

**Foto 9** - Iara Jamra na montagem de *O caderno rosa de Lori Lamby*, 2018-2019, Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo



Fonte: acervo pessoal

**Foto 10** - Iara Jamra na montagem de *O caderno rosa de Lori Lamby*, 2018-2019, na Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo



Fonte: acervo pessoal

**Foto 11** - Iara Jamra na montagem de *O caderno rosa de Lori Lamby*, 2018-2019, na Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo



Fonte: acervo pessoal

O espetáculo *O caderno rosa de Lori Lamby* começou na *Virada Cultural de São Paulo*, na Biblioteca Mário de Andrade; depois, entrou em cartaz na programação e ficou um mês em cartaz. A instituição conta com um público que vai ao teatro, muito preparado, que frequenta a biblioteca. Então, os espectadores sabiam quem era Hilda Hilst, estavam avisados, imaginei. O Álvaro escreveu uma sinopse superlegal. Às vezes, iam mães com criança, porque como eu fiz a Nina do *Rá-Tim-Bum*. Elas achavam que eu estava fazendo uma peça infantil. A produtora, o Álvaro e outros iam à fila e avisavam: “Olha, a peça é para maiores de 16 anos”. A própria Hilda me pediu; eu tenho isso na minha cabeça, esse pedido da escritora. Eu apoio essa classificação indicativa de 16 anos. Me recordo que Hilda foi ver a peça num teatro na Penha, em São Paulo. Ela repetia: “Eu quero que deem risada com a Lorinha”. A princípio não era um texto para dar risada, mas o público vai pegando.

Quando comecei a ensaiar, o iluminador da Biblioteca fez todo o trabalho que tinha que fazer, e disse: “Eu vou embora, eu não faço essa peça, não faço, tenho uma filha dessa idade, eu não faço, sou totalmente contra essa peça”. Nós tivemos que pedir, pelo amor de Deus, que ele ficasse. Encontramos um amigo que era cenotécnico, virou iluminador, para ficar junto com ele. Com o tempo, o iluminador oficial foi entendendo, mas ficou supergrilado.

Essas polêmicas também aconteceram em outros espaços, inclusive presenciei com a professora da USP Eliane Robert Moraes em alguns eventos que fizemos. As pessoas perguntavam: “É um texto pedófilo ou não?” É muito recorrente esse tipo de questionamento. Eliane explica, com todos

os argumentos intelectuais que ela tem, com bastante sabedoria, que não é pedofilia. Teríamos que mudar se fôssemos montar hoje esse espetáculo, colocar umas imagens, uns vídeos da Hilda falando. A Bete Coelho sempre me dirigiu nessas montagens de *Lori Lamby*, mas, diante da possibilidade de uma *reprise* da peça, vejo a necessidade de uma atualização, pois estou mais velha.

Em 2018, para dividir com a professora Eliane a mesa “A santa e a serpente”, na Festa Literária Internacional de Paraty - FLIP, onde li um trecho do livro, eu fiquei ensaiando na casa dela e pensando: “Essa gente é superintelectual, como é que vou fazer para acompanhar?” Eu ia na casa dela e tremia. Na FLIP, então, eu fiquei supernervosa. Eu aprendi muito com a Eliane, ela é fodona, porque ela argumenta com uma capacidade, com muitos is, e você pensa: “Claro! Óbvio!” Eu acho muito importante ela falar da Lorinha, da Lori Lamby, da própria Hilda, porque ela conhece tudo, direcionou os textos, e fez todo o projeto da mesa da FLIP. Eliane tem uma frase que diz: “O papel não sangra”, para lembrar que estamos diante de uma ficção. Nessa mesma edição da festa literária de Paraty, na palestra do músico Zeca Baleiro com o fotógrafo Eder Chiodetto, fiz a interpretação de um trechinho da Hilda, meio brincando.

Houve também um filme, o curta-metragem de Sung Sfai, de 2005, de título homônimo ao livro de Hilda Hilst. Eu não queria nem falar sobre isso, mas vamos lá! Numa das montagens da peça, Sung esteve presente, um cara apaixonado pela Hilda, super gente boa, sempre faz curtas-metragens engraçados. Ele achou engraçada a peça, além de punk, pesada, difícilíssima. Por isso o seu interesse em levar o texto da Lori Lamby para o cinema. Em festivais, como em Brasília e no Maranhão, tive que me esconder no banheiro por conta do curta. Só sei que entrou um monte de mulher no banheiro xingando, eu me escondi... Eu fiquei na cabine até o Sung vir me buscar, porque eu estava morrendo de medo. Em Brasília, a plateia gritava: “Pedofilia!”, “Pedofilia!”. O público xingava no Maranhão; o filme foi exibido em uma praça. Loucos! Mesmo assim, recebi dois prêmios de atuação, no Festival Guarnicê de Cinema, de São Luís, e no Festival de Santos.

Foi legal filmar esse curta, mas muito difícil, porque o Sung fez os homens chegando, mas meio sem foco. Era muito realista: a menina de florzinha, de roupinha no balanço. Nossa, como eu tinha vergonha de fazer aquilo! Eu fiquei, eu acho, constrangida. Aí foi indo para um lado, foi ficando pesado. Eu acho pesadíssimo, muito mais que a peça, mas bastante fiel ao livro. O Sung ama e conhece tudo da Hilda. Vou contar uma coisa que não gosto muito de comentar, nunca falei isso para ninguém: no dia da estreia do NEXt, o meu pai faleceu. A peça foi adiada. No primeiro dia de filmagem do curta, às 9h, eu já estava com a roupa da personagem, a minha mãe foi para a UTI e nunca mais voltou. Na montagem da Biblioteca, a minha tia faleceu. O Sung dedica o filme a minha mãe. Coitado, eu falei para ele, à época, que minha mãe ia morrer se visse.

Paralelamente à carreira de atriz, tenho trabalhado com oficinas artísticas para crianças, invento uns eventos. Ano passado, por exemplo, fiz a Virada Cultural, uma viradinha, eu ponho uns suportes grandes para as crianças brincarem. Eu fui professora na Escola Municipal de

Iniciação Artística - EMIA, hoje, ampliada pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Quando tinha apresentação no Rio, saía do espetáculo no domingo direto para a rodoviária. Chegava em São Paulo e já ia dar aula segunda-feira na EMIA, o que se estendia até quarta-feira, pois na quinta-feira viajaria novamente para o Rio. Não consegui conciliar essas duas atividades, porque comecei a fazer novela. Na escola, tinha que cumprir uma carga horária. As minhas amigas professoras já estão aposentadas. Sempre gostei, quis e fui fazendo trabalhos com arte-educação. Eu faço de tudo, não consigo ficar sem fazer nada, pinto banquinho até hoje. Pinto cadeira, pinto cerâmica, invento jogo americano. Aqui no apartamento tem uns pratos e umas cadeiras pintadas por mim. Logo que entrei aqui, pinte de azul-claro a parede. Eu vou pintando tudo.

Embora não trabalhe mais na escola, continuo envolvida com a arte-educação. Nas minhas aulas de teatro, que também chamo de aulas de expressão, misturo tudo: confecção de boneco de jornal e de cenários, linguagem teatral, criação de texto... Eu sempre tive contato com crianças e sempre misturei essas linguagens com improviso nas aulas, como as oficinas de colagem. Possuo uma relação com as crianças que vem lá da escola municipal, mas que também se materializa no trabalho de atriz. Com Lori, foi nesse caminho também, no encontro com essa criança transgressora, que não é a criança real, que a gente conhece muitas vezes, mas uma criança da ficção. Eu acho que eu tenho esse lado mesmo. Quando li o livro, pensei: “Eu vou fazer esse negócio, eu só faço criança, vou fazer uma criança picante”.

Por outro lado, não consigo enxergar como a personagem vai falar. Eu não tenho essa coisa da autodireção no teatro; muitas atrizes dominam esse universo, eu não, preciso de diretor. Quando ficamos mais velhas, às vezes, o diretor mais jovem fica um pouco constrangido de nos puxar. Isso é chato porque eu vou até onde eu sei, no mesmo lugar. N’*O caderno rosa de Lori Lamby*, Bete fez uma coisa totalmente diferente como concepção. Ela foi me pedindo, fui dirigida frase por frase. Bete é de teatro, o texto é muito importante e tem que estar tudo ensaiado, amarrado. Ela também tem uma coisa de corpo determinado. Eu sou mais orgânica no jeito, eu não tenho essa escola de teatro, mas Bete foi paciente comigo.

**Foto 12** - Iara Jamra e Bete Coelho durante ensaio de *O caderno rosa de Lori Lamby*, 2018-2019, na Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo



Fonte: acervo pessoal

Toda atriz acha que poderia ser muito melhor. Em qualquer cena minha, olho e penso: “Poxa, eu estava no tom errado, no negócio errado e ninguém viu?” Mas as pessoas ficam constrangidas de falar uma ideia, dar um *feedback*. Eu não tenho a mínima ideia, se quebrei a bunda para cá, para lá, se falo mais forte, se mais baixo, qual o tom, se não falo, porque eu não sou uma pessoa que vê a interpretação. Às vezes, no teatro, fico vendo o cenário, adoro! Aí acontece uma cena e me pergunto: “O que aconteceu? Porque estou vendo o cenário, aonde ele vai, o que o cara fez com a corda?” Eu fico assim, não sou uma atriz muito concentrada. Eu preciso do diretor, porque eu não fui fazer uma escola, eu não fui fazer artes cênicas para interpretar. Tem gente que foi estudar para ser atriz, lê para caramba. Eu fui “estudando”, entre aspas, na prática. Em 2024, são 42 anos de carreira, mas eu sempre precisei de direção. Sempre que entra um diretor, é melhor para todo mundo! Mesmo na televisão, em qualquer coisa, é muito mais suave, mais fácil, você fica mais segura. É uma troca. É uma figura superimportante.

Em algumas entrevistas, me perguntam se sobrevivo exclusivamente da arte. A resposta é não. Quando eu fazia propaganda e tinha salário, eu juntava. Com a ajuda da minha família, comprei esse apartamento, onde vivo atualmente. É um quarto e sala, mas é grandão, tem uma vista linda. Eu sou privilegiada, sou uma pessoa que estudou em escola particular, que sempre teve carro. Mas vejo que hoje está mais difícil. Antes, eu trabalhava bastante, fazia uma peça, depois já ia fazer uma gravação, depois ia fazer não sei o quê. Agora eu estou um pouco por fora desse mercado, do *streaming*, não sei nem falar. Está todo mundo fazendo, meus colegas estão todos fazendo. Às vezes, eu faço umas gravações, umas locuções, mas é pouco.

Recentemente, fiz trabalhos muito interessantes com o pessoal mais jovem. Em 2022, teve a peça *Feliz dia das mães*, com elenco de super comediantes. A direção foi do Dan Rosseto, bem mais jovem que eu, e acho que ele estava nesse lugar de ficar um pouco constrangido ao me dirigir. Eu aprontei na peça. Tinha dia que eu saía da personagem, mas eu tentava ficar concentrada. A personagem era muito eu também, então, passava. Às vezes, eu levava umas broncas. Era uma trupe muito boa de atores, são muito preparados. Eu fiquei chocada: eles cantavam, faziam locução, podcasts, faziam tudo. A Vanessa Goulart, atriz incrível, é jornalista e assessora de imprensa. Está todo mundo se virando. Dan escreveu o texto. É difícil escrever, dirigir.

Lembro que tínhamos que ensaiar de máscara, fazer o teste da Covid uma vez por semana e, mesmo assim, havia um monte de gente pegando a doença, menos eu. Achei o máximo o convite para a peça, porque eu vi aquela moçada, era uma comédia. A assessoria de imprensa usou esse negócio de “quarenta anos de profissão” para a divulgação. A peça tinha pouco patrocínio, então, eu acho que o Dan quis fazer uma homenagem. Eu achei legal, porque as pessoas têm formas de se expressar, acho que foi a maneira dele ser grato. Dan foi muito gentil comigo, ficamos só um mês e meio em cartaz, mas demos tanta risada. Todos são muito bem-preparados. Foi bem divertido.

Teve também um trabalho que fiz com o Igor Guimarães, um gênio. Ele quis fazer uma brincadeira, me dirigiu. Ele me ligou e falou: “Eu sou seu fã desde o Rá-Tim-Bum e queria fazer um negócio”. Topei na hora. Já é a segunda coisa que eu faço com ele. Tem um *stand up* que saiu na Amazon Prime Video. Igor me chamou, me pagou um bom cachê, e eu pensando: “Você é louco? Como é que você gasta isso comigo?” Porque quando estive no set, vi o camarim, a produtora, todo mundo se esgoelando, dando duro, pensei nos gastos da produção. Ele explicou: “Não, não, a minha equipe é grande, está tudo certo”. Outra coisa legal desse trabalho foi a oportunidade de conhecer o Paulo Vieira, jovem comediante excelente de Palmas, cidade onde filmei *No coração dos deuses* (1999), de Geraldo Moraes, com Antônio Fagundes e grande elenco.

À época das filmagens, a cidade completava dez anos de fundação. Nas ruas, nas avenidas principais, havia muitas pessoas chegando de pau-de-arara para se instalar, para morar com a família, de Minas Gerais, de Vitória, de muitos lugares. Era tipo aquela coisa de filme, víamos, toda hora, gente chegando com as malas para se instalar em uma cidade nova, para ver se tinha oportunidade. Até eu quis ficar lá. Fomos ao Palácio Araguaia, inauguramos o teatro, estivemos na Praça dos Girassóis. Nós filmamos por dois meses, descia em Brasília e pegava o aviãozinho, não tinha voo direto. Filmamos numa cidadezinha chamada Lajeado. Conheci alguns representantes do povo Krahô. Saíamos das filmagens com um ator chamado Roberto Bonfim. Ele foi de carro. Atravessávamos o Rio Tocantins nas balsas, e víamos a lua vermelha nascer. O pôr do sol, então, era lindo e assistíamos nesses barzinhos de beira de rio. Fagundes não podia sair na rua, que vinha Palmas toda. Ao terminar o filme, voltei para São Paulo.

Quando lembro desses trabalhos, penso que a minha voz me ajudou a interpretar crianças e tipos mais ingênuos, mais ingênuos mesmo,

populares. A minha primeira peça se chamava *Vida de cachorro*, de 1982. Eu fazia uma empregada, e uma amiga me falou assim: “Você berra muito, não dá para escutar o que você fala, não dá para entender!” O meu agudo vai muito longe mesmo. Mas tudo bem. Eu berrava porque todo mundo berrava também, achei um pouco exagerado o comentário. Quando eu fui fazer *Parentes entre parênteses* (1984), ali eu virei atriz. A personagem era maior, eu entrava em diferentes situações e tinha mais nuances. Eu falava com a minha voz normal, mais doce, mais macio, mas sempre infantil. Eu me sobressaí como atriz porque eu sabia mexer com aquilo, brincar com a personagem. Depois, eu fui fazer o *Rá-Tim-Bum*, na TV Globo. E o que acontece na TV Globo? Não era só a voz, era o sotaque paulista que eu tinha, eu tenho, eu canto um pouco. Para eles era totalmente diferente, e o Walter Avancini bancou, porque ficava todo mundo assim: “Ela vai falar assim?” O diretor afirmou: “Vai falar ué, ela é do interior de São Paulo, vai falar, tem que falar”. Na verdade, eu sou paulistana, paulistanérrima! Na novela *O Rei do gado* (1996-1997), do Benedito Ruy Barbosa, reprisada recentemente, não sei se foi proposital dos diretores, mas reuniram em cena a Maria Helena Pader, com uma voz de locutora, totalmente correta, o cantor Sérgio Reis e eu como a empregada Lurdinha. Esse núcleo virou um sucesso na trama.

Sobre o assunto, voz, atuação e encontros, depois que Hilda assistiu à peça *O caderno rosa de Lori Lamby*, fui à casa do escritor e artista plástico José Luís Mora Fuentes (1951-2009), muito amigo e que foi o parceiro da escritora, encontrá-la. Hilda me chamou para comer um bolo e tomar um café na casa de Fuentes no Tietê, foi superdivertido. Fiquei meio constrangida no encontro, mas Hilda lembrou o espetáculo: “Que bom que as pessoas deram risada!”. Eu estava morrendo de medo da reação dela. A escritora era bem normal. “Ah, você é Lorinha”, me dizia. Elogiou meu trabalho, foi muito fofa, muito carinhosa comigo. Em outro encontro, acho que para tratar das questões dos direitos autorais, fui visitá-la na Casa do Sol. Conteí à escritora que meu pai havia falecido, ela me respondeu prontamente: “Que bom, vamos falar com ele!”.

**Foto 13** - Iara Jamra



Fonte: acervo pessoal

**Contato dos autores:**

**Autora:** Aline Novais de Almeida

**E-mail:** alinenovas@gmail.com

**Autor:** Luciano de Jesus Gonçalves

**E-mail:** luciano.jesus@ifto.edu.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 01/03/2024